
A Inês sem fim de Jorge de Sena

The Jorge de Sena's endless Inês

Rodrigo Xavier

Universidade Federal do Rio de Janeiro / PPLB-RGPL

DOI:

<https://doi.org/10.37508/rcl.2026.n56a1426>

RESUMO

O presente contributo não se dedica a um aspecto particular da leitura do mito de Inês de Castro, mas à demonstração de como Jorge de Sena apresenta, em seus *Estudos de História e de Cultura*, a multiplicidade infinita desse mito. Neste ensaio monumental, Sena trabalha o mito através de leituras sucessivas e complementares: sob a perspectiva histórica e documental, e sob as dimensões lírica, trágica, épica e cósmica.

PALAVRAS-CHAVE: Jorge de Sena; Inês de Castro; Estudos de História e de Cultura.

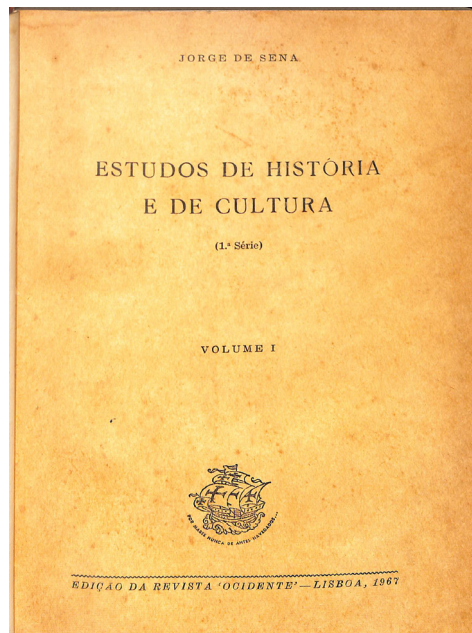
ABSTRACT

This present contribution is not devoted to a particular aspects of the interpretation of the myth of Inês de Castro, but rather to demonstrating how Jorge de Sena, in his *Studies in History and Culture*, presents the infinite multiplicity of this myth. In this monumental essay, Sena approaches the myth through a series of successive and complementary readings: by the historical and documentary perspective, by the lyrical, the tragic, the epic and the cosmic dimensions.

KEYWORDS: Jorge de Sena; Inês de Castro; *Studies in History and Culture*.

BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

Estudos de História e de Cultura constitui-se um ensaio “inacabado”, de 972 páginas, dividido em 4 seções: “A família de Afonso Henriques”; “O vitorianismo de Dona Filipa de Lancaster”; “Os painéis ditos de ‘Nuno Gonçalves’”; “Inês de Castro”. As três primeiras seções ocupam apenas 96 páginas, dedicando Sena 876 páginas à Inês. O ensaio foi publicado em fascículos da *Revista Ocidente*, entre os anos de 1963 e 1969, mas apenas parte dele (604 páginas) foi compilado em livro, publicado em 1967 pela mesma editora da revista: Editora da Revista Ocidente, fundada por Álvaro Pinto em 1938, e dirigida e editada por António H. de Azevedo Pinto e Maria Amélia de Azevedo Pinto, esta última correspondente de Sena nas tratativas de publicação do ensaio ao longo dos anos. Importante frisar que Jorge de Sena escreveu o ensaio (ou pelo menos a maior parte dele) durante o período em que esteve autoexilado no Brasil (1959-1965), motivado pelo envolvimento no frustrado “Golpe da Sé”, contra a ditadura salazarista. Já no Brasil, escreve a tese de livre-docência intitulada “Os Sonetos de Camões e o Soneto Quinhentista Peninsular”, que é defendida em outubro de 1964, em Araraquara. Poucos meses depois, impõe-se um segundo autoexílio, provocado pela instauração do regime militar no Brasil, e muda-se com a família para os EUA.

Figura 1 – *Estudos de História e de Cultura* – capa.

Fonte: Acervo pessoal do autor.

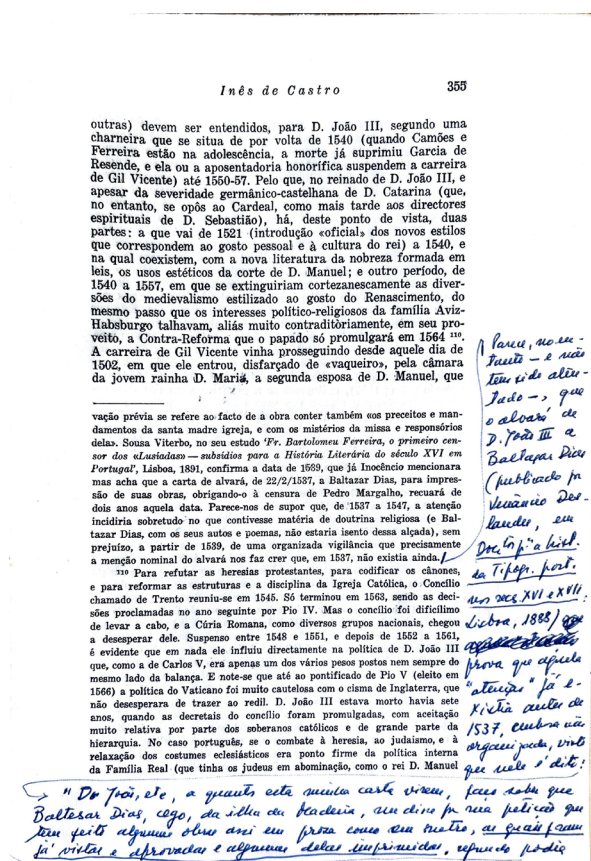
O MÉTODO DE LEITURA DE JORGE DE SENA

A metodologia que Sena implementa nos *Estudos* é a mesma que o diferencia de outros ensaístas seus contemporâneos: é rigorosa e circunstanciada. Como ele próprio afirma na abertura de seu estudo, coloca-se o mito de Inês no centro de uma investigação que visa transcender os “péssimos hábitos da crítica e da historiografia portuguesas” (Sena, 1967, p. 124), operando uma síntese entre análise sociocultural e análise estrutural. Sena reconhece que “uma obra é um todo extremamente complexo, que não temos o direito de olhar de viés” (Sena, 1967, p. 125) e que “o sentido íntimo e último só se esclarece, com justiça e com justeza, referencialmente a uma época a que faz parte, e a uma estrutura que é a sua própria justificação como obra de arte” (Sena, 1967, p. 127).

Cada uma dessas aproximações não nega as outras, mas as reconstrói, revelando uma camada distinta do mito. A Inês de Sena é, por

aplicação metodológica do seu ensaísta, aberta; nunca tem fim, porque sempre há uma camada a mais para descortinar, um ângulo diferente a partir do qual vê-la. É nesta recusa de redução a um único sentido que reside a verdadeira revolução que Sena opera nos estudos sobre o mito português.

Figura 2 – Jorge de Sena. Página de “Estudos de História e de Cultura” com acrescentos autógrafos de Jorge de Sena.



Fonte: BNP-E27¹

¹ Imagem cedida pela Biblioteca Nacional de Portugal.

RECUSA DO ANACRONISMO E ARTICULAÇÃO DE PERSPECTIVAS

Para compreender a multiplicidade do mito em Jorge de Sena, é essencial começar por sua recusa programática ao anacronismo crítico. Sena (1967, p. 124) entende que “é um erro grande da historiografia em geral, da historiografia literário-cultural em particular, ou dos estudos de estética literária, o anacronismo dos juízos”. A consequência metodológica é clara: ao crítico “não compete louvar ou condenar nada, antes de, com os elementos de que dispõe, ter reconstituído uma época, uma atmosfera cultural, o sentido de uma obra ou de uma vida” (Sena, 1967, p. 125).

Esta recusa do anacronismo tem implicações diretas e profundas para, por exemplo, a leitura do amor no mito. Como Sena demonstra, o amor de Pedro e Inês não pode ser compreendido através das lentes do Romantismo do século XIX. Ao contrário, só é inteligível quando recolocado em seu contexto medieval e renascentista: o das estruturas do Amor Cortês, do casamento como conveniência política e dinástica, das Cortes de Amor que “difundiram, entre as classes dirigentes, a santidade das paixões ilícitas” (Sena, 1967, p. 194). O anacronismo romântico – ler Pedro e Inês como protótipos dos amantes românticos – destruiria a possibilidade mesma de compreender o mito em sua especificidade histórica.

Sena afirma com firmeza:

mas o amor dele, sobretudo póstumo, por Inês de Castro não pode ser tido como exemplo de amor romântico, pela simples razão de que, no século XIV e no século XV, quando a história de Inês se desenvolve e o mito do rei justiceiro é fixado por Fernão Lopes, esse amor era inconcebível (Sena, 1967, p. 180).

E para esclarecer a diferença, estabelece uma distinção crucial: “a paixão romântica é uma fatalidade que conduz inelutavelmente à

catástrofe; mas, no tópico medieval e renascentista, o que conduz à catástrofe é a distracção” (Sena, 1967, p. 181).

Ainda assim, a metodologia seniana vai além da simples contextualização histórica. Sena articula explicitamente a análise socio-cultural com a análise estrutural, recusando tanto o “culturalismo idealista” quanto o “esteticismo” isolado. Como escreve, “não há oposição alguma entre análise cultural, feita de um ponto de vista histórico-sociológico, e análise estética, feita segundo critérios organicistas” (Sena, 1967, p. 127). Esta síntese é fundamental para a abordagem multifacetada que estrutura todo o seu estudo.

O MITO COMO PALIMPSESTO: A GENEALOGIA DE INÊS

O ensaio situa explicitamente a Inês histórica como ponto de partida. A morte em 1355 não é um mero “dado”, é um evento saturado de significação política. Inês foi objeto das decisões de reis, de estruturas de poder dinásticas, de cálculos de Estado. Mas, crucialmente, nem mesmo o relato histórico é livre de “interferências”, ou seja, não permite uma leitura imparcial. Fernão Lopes, ao registrar a morte de Inês, não relata simplesmente um fato: já o interpreta através de significações políticas e morais que refletem seu próprio tempo e suas convicções. A primeira camada do mito – a camada histórica – já contém em si sementes de reinterpretação que prepararam o terreno para as transformações poéticas posteriores.

Sena reconhece essa complexidade ao afirmar que o mito de Inês passa por uma transformação contínua, mas nunca linear. Como observa, cerca de

sessenta anos bastaram para que Inês de Castro ascendesse, não apenas à condição de permanente assunto literário e, depois de 1578, só o rei D. Sebastião pode competir com ela, no reduzido grupo das personagens históricas portuguesas com status na tra-

dição literária, mas à condição de mito, como hipóstase cultural do ‘motivo’ da ‘Perdição de Amor’ (Sena, 1967, p. 180).

Esta ascensão não é automática: exige uma série de “convergentes circunstâncias”, cada uma das quais marca uma etapa da transformação.

GARCIA DE RESENDE: A MATRIARCA LÍRICA

Cerca de 150 anos depois da morte histórica, Garcia de Resende faz a primeira grande transformação literária de Inês. Mas Resende revela que tipologia de Inês? Sena identifica a resposta na boca da personagem: a Inês de Resende “começa por declarar que a mataram ‘por ter muito fervente lealdade, fé, amor, ao príncipe, meu senhor’” (Sena, 1967, p. 279). Esta tríade – lealdade, fé, amor – para Sena é fundamental. Não se trata simplesmente de um sentimento individual, mas de uma estrutura moral que define a personagem. Resende cria aquilo que Sena denominará de a matriarca lírica.

O alcance dessa transformação é vasto. Resende eleva Inês a uma figura de autoridade moral e de dignidade lírica. A fórmula que Sena sublinha é aquela que Resende coloca num vocativo às damas: “pois amor dá galardão, não deixe ninguém de amar” (Sena, 1967, p. 283). Esta apóstrofe ao Amor é decisiva. Resende não fala de Inês como sujeito isolado de uma paixão: fala do Amor como princípio que opera nela e naquelas que a ouvem. A Inês de Resende é já uma figura transpessoal – uma encarnação de virtudes que excedem a subjetividade individual. Sena resume: “Resende cria a matriarca lírica – e essa categoria, e não a de amante, é a que Camões receberá e elevará”. Esta é a camada lírica do mito (Sena, 1967, p. 284).

ANTÓNIO FERREIRA: A HEROÍNA TRÁGICA E A ESTRUTURA POLÍTICA

Ferreira toma a Inês já consagrada por Resende e a transfigura num registro inteiramente novo: o trágico. Sena descreve a arquitetura da Castro com precisão:

o 1º acto, dividido em duas cenas, é o da apresentação dos dois amantes, e, como tal, da dupla razão de amor, que lhes assiste. O 2º acto é do Rei e dos Conselheiros: é o da Razão de Estado, que não é redutível à dialéctica erótica dos amantes. Por isso mesmo, a questão da morte de Inês exige os dois actos seguintes. No 3º acto, a razão de amor e a Razão de Estado confrontam-se na consciência da heroína, enquanto, no 4º acto, a confrontação se externiza entre Inês e o Rei (Sena, 1967, p. 507).

A importância dessa descrição está na introdução de uma nova categoria analítica: a razão de amor. Não é uma paixão no sentido moderno (um afeto, uma emoção), mas uma forma de racionalidade alternativa. Sena recusa-se a ler a peça como “drama romântico do desencontro amoroso”, e a redefine como “tragédia que analisa o sentido político da paixão erótica” (Sena, 1967, p. 508). Esta redefinição abre caminho para compreender o amor como categoria ontológica, não meramente psicológica.

A Inês que Ferreira constrói não é mais a matriarca triunfante de Resende: é a mulher que enfrenta, na quietude do seu quarto, o choque irreconciliável entre duas ordens ontológicas. É especialmente em Inês, não em Pedro, que essa confrontação atinge sua máxima densidade intelectual. Sena aponta para a fórmula em que Inês resume sua condição: “amor, desejo, e fé me guardaram sempre” (Sena, 1967, p. 516). Esta fórmula, simples e, ao mesmo tempo, devastadora, condensa afeto, desejo e fidelidade como três pilares de uma identidade que se apresenta como estrutura anterior ao drama exterior.

Sena observa que a fórmula condensa três elementos – afecto, desejo e fidelidade – e mostra que, na tragédia de Ferreira, o amor é já a estrutura interior da personagem antes de ser o seu drama exterior. A Inês de Ferreira não é uma vítima passiva: é uma heroína consciente de seu destino trágico, capaz de articular a razão de seu ser.

A SÍNTESE CAMONIANA: A TRANSFIGURAÇÃO CÓSMICA E AS CAMADAS MITOLÓGICAS

Camões herda essa Inês já um tanto saturada de significação: ao mesmo tempo, a matriarca de Resende e a heroína de Ferreira. Mas o que Camões opera em sua Inês é inédito. Sena apresenta a passagem de transição com clareza:

após a criação lírica que Garcia de Resende impusera às memórias históricas de D. Inês de Castro, transformando-a numa comovente personalidade de amorosa, que era ao mesmo tempo uma divindade totémica das Casas Reais e da aristocracia da Europa, Ferreira deu-lhe, na sua tragédia, esse ‘status’ supremo de heroína pelos modelos clássicos que a realizava, como personagem simbólica de um destino. Seria para Camões o levá-la da tragédia para a epopeia, mantendo-lhe o carácter de mártir do amor, que ela adquirira por mão de Resende (Sena, 1967, p. 571).

A operação camoniana é designada por Sena como epopeia, não meramente como gênero formal, mas como elevação do mito ao plano onde atua uma cosmologia. A apóstrofe inicial do episódio (est. 119) não é um suspiro do poeta, é uma operação cosmológica. Ao endereçar-se primeiro ao Amor: “Tu, só tu, puro amor [...]” (*Lus.*, III, 119), antes de evocar Inês, Camões coloca o mito num plano onde o amor não é sentimento individual, mas uma força metafísica que ordena a História portuguesa inteira.

AS CAMADAS MITOLÓGICAS: SEMÍRAMIS, POLIXENA, TIESTES

Sena demonstra essa operação através de múltiplas camadas mitológicas. Inês é colocada em série com Semíramis, com Políxena (Policena), com Tiestes, com a Vénus de Bión, com a Virgem (mater) dolorosa. Cada uma dessas camadas é uma aproximação diferente ao mesmo ponto central. Sena identifica a primeira camada:

a caridade que lendariamente, ‘brutas feras’, como a loba romana, ou ‘aves agrestes’ como as que alimentaram Semíramis, manifestaram para com seres fabulosos abandonados à sua triste sorte, é posta em contraste com a evidente fereza de D. Afonso IV vindo disposto a matar Inês (Sena, 1967, p. 588-589).

O crucial é que Semíramis “identificava-se com Astarté, a grande deusa da Assíria, que, por sua vez, se identificou mais tarde com aspectos da Grande Mãe e de Vénus” (Sena, 1967, p. 587). Inês “compara-se às grandes deusas do amor e da maternidade, a uma fundadora de impérios, a uma progenitora de dinastias” (Sena, 1967, p. 587). A morte de Inês deixa de ser meramente política: torna-se sacrifício de uma divindade.

A comparação com Políxena – est. 131, (*Lus.*, III, 131) – introduz a segunda camada: a do sacrifício ritual. Sena sublinha que não se trata de mera analogia da inocência, a aproximação está no facto de serem sacrificadas a uma exigência ritual: o pedido de Aquiles é, religiosamente, no culto dos mortos, uma Razão de Estado. É exatamente a categoria que Ferreira havia revelado que reaparece em Camões sob forma mítica: a Razão de Estado torna-se exigência ritual, a execução política torna-se sacrifício divino.

A terceira camada – Tiestes e Atreu, est. 133 (*Lus.*, III, 133) – é talvez a mais perturbadora. Não é por mero símile literário que Camões evoca Tiestes e Atreu, para lembrar ao Sol que devera esconder-se

ante o crime de que foi vítima Inês de Castro: esse mito da antropofagia ritual está na raiz dos Átridas. Sena chega à conclusão grave: “e, se Afonso IV deixou que Inês fosse morta, sendo que ela permutara a sua personalidade com D. Pedro, o Rei é, ao mesmo tempo, o Atreu que mata e o Tiestes que devora sem saber” (Sena, 1967, p. 590). A morte de Inês é autoantropofagia dinástica: o Rei devora a sua própria descendência.

INÊS COMO SÍMBOLO: A PASSAGEM DE TEMA A MITO CÓSMICO

A distinção para qual Jorge de Sena aponta no coração de seu estudo é fundamental: Camões não é apenas o ponto mais alto da fortuna estética de Inês, mas o ponto em que a personagem deixa de ser tema e se torna símbolo. Este deslocamento de regime ontológico é essencial. A Inês de Resende e de Ferreira permanecia, apesar de toda sua magnificência, uma personagem, ainda que uma personagem de grande relevo. Em Camões, ela torna-se um símbolo através do qual a História portuguesa inteira se torna inteligível.

Por essa razão, Sena afirma no início do estudo que “se o trabalho termina com Camões, é porque, neste escritor, Inês de Castro atinge a máxima altura significativa, como termo final de um processo de que os séculos seguintes perderam o nexó político-social” (Sena, 1967, p. 125). Os séculos posteriores continuaram a trabalhar com o mito de Inês, mas em registro sentimental, romântico, meramente literário. Perderam – e Sena o faz questão de sublinhar – o nexó que ligava o mito a uma estrutura político-social compreensível.

A topologia do poema reforça essa significação cósmica. A posição de Inês no Canto III (no centro da narrativa histórica de Portugal) está em correlação estrutural com a Ilha dos Amores no Canto IX (no final da epopeia). Como Sena observa, há uma “correlação topológica, na estrutura, entre Inês e a Ilha dos Amores” (Sena, 1967, p. 158), uma vez que o amor sacrificado e o amor recompensador são

polos de um mesmo sistema cósmico. Camões inscreve, assim, a totalidade da experiência humana entre esses dois polos – o sacrifício do amor e a promessa do amor – fazendo de Inês o símbolo central dessa dialética.

ESBOÇO CONCLUSIVO

O título que propus, “A Inês sem fim de Jorge de Sena”, intenta, metonimicamente, capturar o método revelado pelo seu auto, ou seja, quando lido através da articulação de múltiplas perspectivas, não consiste o mito de Inês em figuração estática, tampouco, definitiva. É, antes, um ponto de convergência infinita de aproximações distintas, cada versão revelando uma “verdade” que as outras não são capazes de sozinhas expressar.

Cada escritor que se ocupou do mito, portanto, remove um véu. E o que se revela após a retirada de cada um desses véus não é a contradição, outrossim, uma diversidade de leituras que se complementam e se aprofundam mutuamente. A Inês histórica de Fernão Lopes não desmente a matriarca lírica de Resende, que não desmente a heroína trágica de Ferreira, que não desmente a deusa cósmica de Camões. São todas Inês (ou Ineses), mas vistas de ângulos ética e esteticamente distintos. Esta heterogeneidade não configura uma deficiência, senão, aponta para a múltipla riqueza do mito.

A metodologia de Sena, que articula análise histórico-social, análise estrutural, comparativismo tópico e leitura mítico-simbólica, é precisamente o que torna possível demonstrar essa multiplicidade sem cair na relatividade ou na dispersão. Sena explicita em quais pressupostos críticos cada aproximação se fundamenta. O anacronismo é recusado programaticamente, a estrutura é escrutinada em profundidade, o contexto político-social é reconstituído rigorosa e exaustivamente, as camadas simbólicas são desdobradas sob a luz de múltiplas genealogias clássicas.

Por isso, o estudo de Sena não termina, realmente, em Camões. Culmina nele como ponto máximo da parábola, mas não como definitivo encerramento. A Inês de Sena permanece aberta, porque o método que a revela – a sobreposição de múltiplas lentes de leitura – poderia, em princípio, ser aplicado infinitamente. Sena escolheu terminar em Camões porque nele o mito atinge uma plenitude que os séculos posteriores talvez não tenham conseguido renovar (a ver). Mas a estrutura que Sena revela no mito é, ela própria, infindável: palimpsesto sobre palimpsesto, camada sob camada, sem fundo nem teto definidos.

A frase final de Sena sobre Camões, que em Inês se opera “a transfiguração imortal que só o Amor concede” (Sena, 1967, p. 579), deve ser lida não com *status* definitivo, mas como identificação do ponto em que essa transfiguração atinge sua máxima articulação de sentido. A apóstrofe ao Amor na estância 119 d’*Os Lusíadas* consubstancia-se, precisamente, nessa transfiguração. É nesse momento em que o mito deixa de ser narrativa histórica, ou estrutura trágica, para tornar-se operação cosmológica.

Mas o mito de Inês não termina aí. Continua infinito. E é nessa infinitude, nessa recusa de um sentido unívoco, que reside a verdadeira genialidade da leitura que Sena nos oferece. O mito de Inês não é redutível a uma única leitura, a uma única aproximação, a uma única compreensão. É um espelho em que múltiplas verdades se refletem, se complementam e se interrogam mutuamente. Essa é a Inês sem fim que Jorge de Sena pacientemente descobre e reconstrói ao longo de seu monumental estudo. Uma figura que é, simultaneamente, fato histórico, matriarca lírica, heroína trágica, deusa cósmica, símbolo de uma Filosofia da História portuguesa.

RECEBIDO: 19/07/2026

APROVADO: 03/09/2026

REFERÊNCIAS

CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Porto: Porto Editora, 2014.

SENA, Jorge de. Estudos de História e de Cultura. *Revista Ocidente*, Lisboa, n. 324, p. 355, abr. 1965. [BNP-E27].

SENA, Jorge de. *Estudos de História e de Cultura*. Lisboa: Revista Ocidente Editora, 1967.

MINICURRÍCULO

RODRIGO XAVIER é Professor Associado na Universidade Federal (UFRJ). Doutor em Letras pela PUC-Rio (2010). Fez estágios pós-doutorais na Universidade de Chicago (2016) e na Universidad de Los Andes (2024). É pesquisador do PPBL-RGPL e tem se dedicado à investigação de acervos bibliográficos e arquivos literários, incluindo autores como Eça de Queirós e Jorge de Sena. Contribui desde 2016 com o crítico Jerónimo Pizarro na edição de documentos do espólio de Fernando Pessoa.